v7.n6.2026

REVISTA CIENTÍFICA - RECIMA21 ISSN 2675-6218

# BARREIRAS E FACILITADORES EM PROGRAMAS ESPORTIVOS INCLUSIVOS PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: REVISÃO INTEGRATIVA

## *BARRIERS AND FACILITATORS IN INCLUSIVE SPORTS PROGRAMS FOR CHILDREN AND ADOLESCENTS WITH AUTISM SPECTRUM DISORDER: AN INTEGRATIVE REVIEW*

## *BARRERAS Y FACILITADORES EN PROGRAMAS DEPORTIVOS INCLUSIVOS PARA NIÑOS Y ADOLESCENTES CON TRASTORNO DEL ESPECTRO AUTISTA: UNA REVISIÓN INTEGRADORA*

Ismael Sanchotene[1], Vanderlei Folmer[2], Aline da Silva Goulart[3], Flávio Rodrigues[4]

e768270
https://doi.org/10.47820/recima21.v7i6.8270

PUBLICADO: 06/2026

**RESUMO**

A participação de crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) em programas esportivos inclusivos tem sido apontada como estratégia relevante para promoção do desenvolvimento motor, social e emocional. Contudo, barreiras estruturais, pedagógicas e atitudinais ainda limitam a efetiva inclusão. O presente estudo teve como objetivo analisar, por meio de revisão integrativa da literatura, as principais barreiras e facilitadores relacionados à participação de crianças e adolescentes com TEA em programas esportivos inclusivos. Foram incluídos estudos publicados entre 2015 e 2025, em português e espanhol, disponíveis na íntegra. A análise dos estudos permitiu identificar quatro categorias principais de barreiras à inclusão esportiva: estruturais e organizacionais, formativas, sociais e individuais. Em contrapartida, destacaram-se como facilitadores a adaptação ambiental, a capacitação profissional, o envolvimento familiar e o planejamento individualizado das atividades. Conclui-se que a efetivação da inclusão esportiva de pessoas com TEA depende de ações intersetoriais, formação continuada dos profissionais e estratégias centradas nas necessidades individuais dos participantes.

**PALAVRAS-CHAVE**: Transtorno do Espectro Autista. Inclusão. Programas Sociais.

***ABSTRACT***

*The participation of children and adolescents with Autism Spectrum Disorder (ASD) in inclusive sports programs has been identified as a relevant strategy for promoting motor, social, and emotional development. However, structural, pedagogical, and attitudinal barriers still limit effective inclusion. This study aimed to analyze, through an integrative literature review, the main barriers and facilitators related to the participation of children and adolescents with ASD in inclusive sports programs. Studies published between 2015 and 2025, in Portuguese and Spanish, and available in full, were included. The analysis of the studies identified four main categories of barriers to sports inclusion: structural and organizational, formative, social, and individual.*

[1] UNIPAMPA.
[2] Professor titular com formação multidisciplinar em Fisioterapia, Letras e Ciências Biológicas, atuando na interseção entre Educação em Ciências, metodologias ativas e processos formativos na tríplice fronteira Brasil-Argentina-Uruguai.
[3] Doutoranda em Bioquímica. Doutora em Educação em Ciências. Mestra em Bioquímica.
[4] Licenciatura Plena em Educação Especial (UFSM), Especialização em Psicanálise Clínica e Formação em Psicanálise, Membro da International Erich Fromm Society (Tübinge-Alemanha), Especialização em Psicologia Positiva (PUC-RS).



Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

*Conversely, environmental adaptation, professional training, family involvement, and individualized activity planning were highlighted as facilitators. It is concluded that the effective inclusion of people with ASD in sports depends on intersectoral actions, continuing education for professionals, and strategies centered on the individual needs of the participants.*

***KEYWORDS:*** *Autism Spectrum Disorder. Inclusion. Social Programs.*

***RESUMEN***

*La participación de niños y adolescentes con Trastorno del Espectro Autista (TEA) en programas deportivos inclusivos se ha identificado como una estrategia relevante para promover el desarrollo motor, social y emocional. Sin embargo, las barreras estructurales, pedagógicas y actitudinales aún limitan la inclusión efectiva. Este estudio tuvo como objetivo analizar, mediante una revisión integradora de la literatura, las principales barreras y facilitadores relacionados con la participación de niños y adolescentes con TEA en programas deportivos inclusivos. Se incluyeron estudios publicados entre 2015 y 2025, en portugués y español, y disponibles en su totalidad. El análisis identificó cuatro categorías de barreras: estructurales/organizativas, formativas, sociales e individuales. Por el contrario, la adaptación ambiental, la formación profesional, la participación familiar y la planificación individualizada se destacaron como facilitadores. Se concluye que la inclusión deportiva de las personas con TEA depende de acciones intersectoriales, formación continua y estrategias centradas en las necesidades individuales de los participantes.*

***PALABRAS CLAVE****: Trastorno del espectro autista. Inclusión. Programas sociales.*

## 1. INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é atualmente compreendido sob a égide da neurodiversidade, sendo definido pelo DSM-5-TR (APA, 2023) como um transtorno do neurodesenvolvimento com níveis variáveis de suporte. De acordo com Oliveira e Santos (2024), a heterogeneidade do espectro exige que programas esportivos abandonem modelos padronizados em favor de metodologias flexíveis, que respeitem a singularidade sensorial e cognitiva de cada praticante.

A prática esportiva para crianças e adolescentes com TEA tem sido corroborada por evidências recentes como importante estratégia de promoção da saúde mental e física. Ferreira de Castro (2025) destaca que a atividade física sistemática contribui não apenas para a redução de comportamentos repetitivos, mas também para o desenvolvimento de competências sociais complexas, como o compartilhamento de metas, a interação social e a tolerância à frustração. No entanto, Oliveira e Santos (2024) alertam que, na ausência de suporte adequado, o ambiente esportivo pode tornar-se aversivo em razão da sobrecarga sensorial e da rigidez das regras competitivas.

Em contrapartida, Sousa e Valente (2026) ressaltam que a compreensão das características sensoriais e comportamentais associadas ao TEA pode subsidiar a adoção de estratégias pedagógicas mais adequadas, enquanto Okkenhaug, Jensen e Solhaug (2024)



Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

destacam o uso de suportes visuais, rotinas estruturadas e adaptações ambientais como facilitadores da participação esportiva.

A inclusão efetiva, portanto, é um processo dinâmico que depende da remoção de obstáculos atitudinais e do fortalecimento de redes de apoio. Segundo Ferreira de Castro (2025), o sucesso de programas esportivos inclusivos está condicionado à formação continuada e à colaboração intersetorial entre treinadores, famílias e profissionais da saúde.

Diante desse panorama em constante atualização científica, o presente estudo tem como objetivo analisar as evidências acerca das barreiras e facilitadores presentes em programas esportivos inclusivos destinados a crianças e adolescentes com TEA, por meio de uma revisão integrativa da literatura cobrindo a última década.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é caracterizado por alterações persistentes na comunicação social, padrões restritos e repetitivos de comportamento e diferentes níveis de suporte, conforme estabelecido pelo DSM-5-TR (APA, 2023). Estudos recentes apontam que o diagnóstico precoce e o acompanhamento multiprofissional são fundamentais para o desenvolvimento global de crianças e adolescentes com TEA (Camelo et al., 2022; Oliveira et al., 2025). Além disso, manifestações como estereotipias motoras e hipersensibilidades sensoriais podem impactar diretamente a participação em ambientes esportivos e escolares (Sousa; Valente, 2026).

Sob a perspectiva da neurodiversidade, compreende-se que as diferenças cognitivas e comportamentais devem ser respeitadas e valorizadas nos processos educacionais e esportivos. Nesse contexto, metodologias flexíveis e inclusivas tornam-se essenciais para garantir a participação efetiva desse público nas práticas corporais e esportivas (Oliveira; Santos, 2024). A inclusão escolar e esportiva fundamenta-se na valorização das potencialidades humanas, no respeito à diversidade e na promoção de práticas pedagógicas acessíveis e inclusivas.

No campo da Educação Física Adaptada, a prática de atividades físicas e esportivas tem apresentado efeitos positivos significativos para crianças e adolescentes com TEA. Revisões sistemáticas e meta-análises demonstram melhorias no desenvolvimento motor, na aptidão física, na interação social e na regulação emocional (Monteiro et al., 2022; Ferreira de Castro et al., 2025; Xing; Wu, 2025). Estudos também evidenciam que programas esportivos estruturados contribuem para a redução de comportamentos disruptivos e para o fortalecimento das habilidades sociais (Fernández-Díaz et al., 2023; Jesus et al., 2024).



Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

Além disso, pesquisas recentes destacam que diferentes modalidades e intensidades de exercício físico podem promover benefícios multidimensionais no comportamento e no desenvolvimento funcional de crianças com TEA. Intervenções organizadas e sistemáticas favorecem a adesão às práticas corporais, potencializando o desenvolvimento físico, emocional e social dos participantes (Ferreira de Castro et al., 2025; Grosprêtre et al., 2024).

Entretanto, apesar dos benefícios reconhecidos, a literatura aponta inúmeras barreiras à inclusão esportiva de pessoas com TEA. Entre elas destacam-se dificuldades estruturais, barreiras atitudinais, ausência de formação profissional específica e limitações pedagógicas no contexto escolar e esportivo (Okkenhaug; Jensen; Solhaug, 2024; Salar et al., 2024). Silveira et al. (2025) ressaltam que a formação continuada de professores constitui um dos principais desafios para a efetivação da inclusão, enquanto Jara et al. (2020) evidenciam que muitas escolas ainda apresentam dificuldades na adaptação de práticas pedagógicas voltadas aos estudantes com TEA.

Diante desse cenário, a inclusão deve ser compreendida como um processo coletivo e intersetorial, fundamentado em políticas públicas, acessibilidade e garantia de direitos. Nesse sentido, o envolvimento familiar, o planejamento individualizado, o uso de recursos visuais e tecnologias assistivas, bem como a articulação entre saúde, educação e esporte, configuram-se como estratégias fundamentais para ampliar a participação de crianças e adolescentes com TEA em programas esportivos inclusivos (Nascimento et al.2025).

Apesar dos avanços observados na literatura, persistem lacunas relacionadas à sistematização de práticas inclusivas no contexto esportivo, especialmente no que se refere à articulação entre formação profissional, adaptação pedagógica e participação familiar.

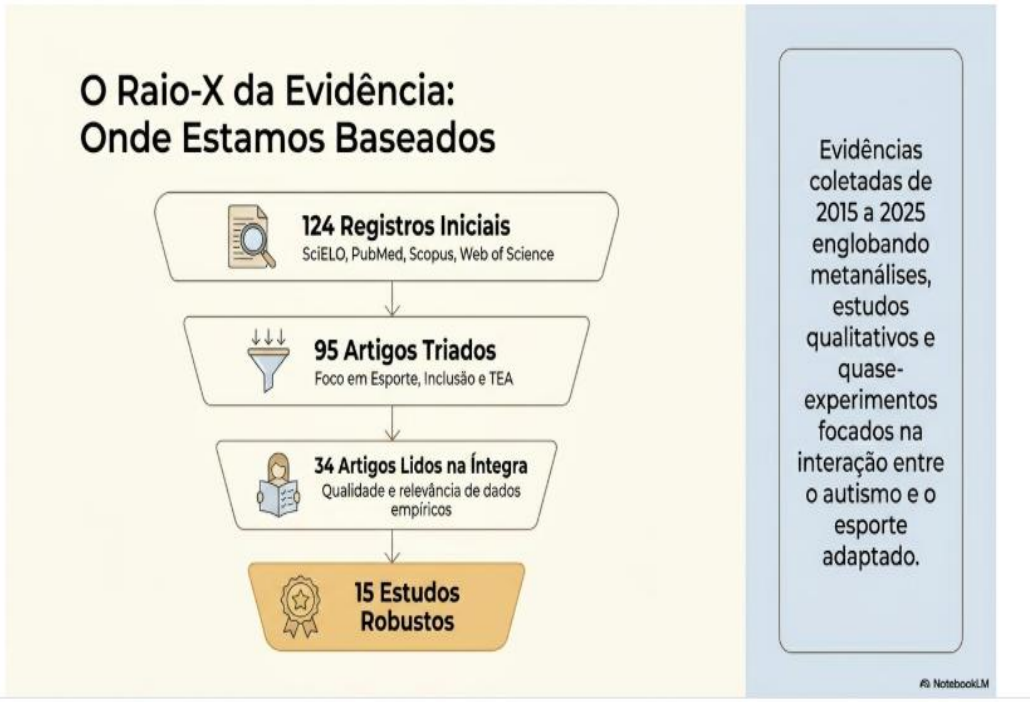
## 3. METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como uma revisão integrativa da literatura, abordagem que possibilita a síntese crítica de produções científicas de natureza empírica e teórica, contribuindo para uma compreensão ampliada, sistematizada e aprofundada do fenômeno investigado. Esse tipo de revisão permite reunir, analisar e interpretar evidências disponíveis, identificando lacunas, tendências e contribuições relevantes no campo da inclusão esportiva de pessoas com TEA.



Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

**Figura 1.** Fluxograma de seleção dos estudos (PRISMA)




Fonte: autores

A busca dos estudos foi realizada em bases de dados nacionais e internacionais amplamente reconhecidas nas áreas da saúde e da educação, a saber: SciELO, PubMed, Scopus e *Web of Science*. Foram considerados artigos publicados no período de 2015 a 2026, nos idiomas português e espanhol. Para a identificação dos estudos, utilizaram-se descritores controlados e não controlados, combinados por operadores booleanos (AND/OR), incluindo os termos: “Transtorno do Espectro Autista”, “esporte”, “inclusão”, “atividade física” e “programas sociais”.

Essa estratégia visou ampliar o escopo da busca e garantir a recuperação de estudos relevantes ao objetivo da pesquisa. A estratégia de busca bibliográfica foi estruturada a partir de categorias temáticas relacionadas ao objeto de estudo, contemplando os eixos “Transtorno do Espectro Autista (TEA)”, “atividade física” e “inclusão”. Para garantir maior abrangência e sensibilidade na recuperação dos estudos, utilizaram-se descritores controlados indexados nos sistemas MeSH (Medical Subject Headings) e DeCS (Descritores em Ciências da Saúde), associados a termos livres não controlados amplamente utilizados na literatura científica. Na categoria TEA, empregou-se o descritor *“Autism Spectrum Disorder”* associado ao termo “transtorno do espectro autista”. Para atividade física, utilizou-se o descritor *“Motor Activity”,* combinado aos termos *“physical activity”,* “atividade física*”, “sport”* e “esporte”. Já na categoria



Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

inclusão, adotou-se o descritor *"Social Inclusion",* associado aos termos "inclusão" e *"inclusive programs".* Os termos foram combinados por meio do operador booleano *"OR",* permitindo ampliar a identificação de estudos com diferentes terminologias relacionadas ao tema investigado.

O processo de seleção dos estudos seguiu etapas sistemáticas, inspiradas nas recomendações do modelo PRISMA. Inicialmente, foram identificados 124 registros nas bases de dados consultadas. Após a remoção de 29 estudos duplicados, permaneceram 95 artigos para triagem por meio da leitura de títulos e resumos. Nessa etapa, 61 estudos foram excluídos por não atenderem ao escopo da pesquisa. Em seguida, 34 artigos foram submetidos à leitura na íntegra, dos quais 19 foram excluídos por não contemplarem diretamente o contexto de programas esportivos inclusivos ou por não apresentarem dados relevantes sobre barreiras e facilitadores. Ao final desse processo, 15 estudos atenderam aos critérios estabelecidos e compuseram a amostra final da revisão.

Foram definidos como critérios de inclusão estudos que: (I) investigaram programas esportivos ou atividades físicas organizadas; (II) envolveram crianças ou adolescentes com diagnóstico de TEA; e (III) apresentaram dados empíricos ou análises qualitativas e/ou quantitativas relacionadas à participação, bem como às barreiras e aos facilitadores da inclusão. Foram excluídos artigos duplicados, revisões narrativas sem descrição metodológica explícita, estudos com enfoque exclusivamente clínico e pesquisas que não abordavam diretamente o contexto esportivo inclusivo.

Com base nos resultados da revisão integrativa apresentada nas fontes, a tabela abaixo sintetiza os fatores que promovem a exclusão (barreiras) e os que potencializam a inclusão (facilitadores) de crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no esporte:

**Tabela 1**. Exclusão e inclusão

| Dimensão | Fatores de Exclusão (Barreiras) | Fatores de Inclusão (Facilitadores) |
|---|---|---|
| Estrutural e Organizacional | Espaços físicos inadequados, estímulos sensoriais excessivos (ruídos, luz), rigidez na organização e lógica padronizada de ensino. | **Adaptação ambiental**, ambientes estruturados, criação de rotinas previsíveis e organização física adequada. |
| Formativa | Falta de formação específica em inclusão/TEA e insegurança profissional no manejo de comportamentos e adaptações pedagógicas. | **Capacitação profissional** continuada, suporte interdisciplinar e desenvolvimento de práticas pedagógicas flexíveis e responsivas. |
| Social e Atitudinal | Atitudes preconceituosas, estigmatização, falta de compreensão sobre o TEA e falhas na mediação de interações sociais no grupo. | **Envolvimento familiar** ativo no planejamento, construção de culturas inclusivas e mediação eficaz das interações. |



Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

| | | |
|---|---|---|
| Individual e Pedagógica | Hipersensibilidade sensorial, dificuldades motoras e ansiedade (que são potencializadas por ambientes sem estrutura). | **Planejamento individualizado**, uso de recursos visuais, instruções claras, modelagem de movimentos e reforço positivo. |

Embora o recorte temporal tenha priorizado publicações entre 2015 e 2026, alguns estudos anteriores foram incluídos devido à sua relevância teórica e recorrência na literatura, sendo considerados fundamentais para a compreensão do fenômeno investigado.

Os estudos selecionados apresentam diversidade metodológica, incluindo revisões sistemáticas, meta-análises, estudos qualitativos, delineamentos transversais e quase-experimentais. De modo geral, essas investigações analisam tanto os efeitos da atividade física no desenvolvimento de indivíduos com TEA quanto os fatores que influenciam sua participação em programas esportivos inclusivos.

Após a seleção, os estudos foram submetidos à análise temática, procedimento que possibilitou a organização, categorização e interpretação dos dados. A partir dessa análise, foram identificados padrões recorrentes na literatura, especialmente no que se refere às barreiras e aos facilitadores da inclusão esportiva, os quais subsidiaram a discussão dos resultados à luz do objetivo da pesquisa.

**Tabela 2**. Artigos selecionados

| Autor(es) | Ano | Objetivo | Tipo de estudo | Amostra | Principais achados | DOI |
|---|---|---|---|---|---|---|
| Okkenhaug, I.; Jensen, M. R.; Solhaug, S. | 2024 | Identificar barreiras e facilitadores para atividade física em jovens com TEA | Scoping review | Crianças e adolescentes com TEA | Barreiras ambientais e sociais; apoio familiar como facilitador | 10.1123/jpah.2024-0075 |
| Jesus, A. C. C. et al. | 2024 | Investigar benefícios da atividade física para crianças com TEA | Revisão | Crianças com TEA | Melhora comportamental e social | 10.33448/rsd-v13i7.46235 |
| Fernández-Díaz, M. et al. | 2023 | Avaliar a influência da atividade física no comportamento | Quase-experimental | Estudantes com TEA | Redução de comportamentos disruptivos | 10.21814/rpe.26794 |
| Monteiro, C. E. et al. | 2022 | Avaliar o efeito da atividade física nas habilidades motoras | Meta-análise | Crianças com TEA | Melhora significativa na coordenação motora | 10.3390/ijerph192114081 |
| Healy, S.; Haegele, J. A. | 2019 | Investigar a participação em atividade física | Observacional | Jovens com TEA | Baixa participação associada a barreiras sociais | 10.1123/apaq.2018-0125 |
| Franzoni, W. C. C.; Marinho, A. | 2020 | Analisar o papel do professor na inclusão esportiva | Qualitativo | Participantes com TEA | Formação docente é determinante para inclusão | 10.5007/2175-8042.2020e65391 |



Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| Haas, P. et al. | 2018 | Avaliar o impacto do exercício físico no TEA | Revisão sistematica | Crianças e adolescentes com TEA | Benefícios motores e sociais | 10.31501/rbcm.v28i2.10624 |
| Bremer, E.; Crozier, M.; Lloyd, M. | 2016 | Analisar os efeitos da atividade física no TEA | Revisão sistematica | Crianças com TEA | Melhora global no desenvolvimento | 10.1177/1362361315616002 |
| Salar, S. et al. | 2024 | Investigar barreiras à atividade física em TEA | Revisão | Jovens com TEA | Predominância de barreiras sociais e ambientais | 10.3390/healthcare12232420 |
| Xing, Y.; Wu, X. | 2025 | Avaliar efeitos da atividade física no desenvolvimento motor | Revisão | Crianças com TEA | Melhora do desenvolvimento motor | 10.3390/healthcare13050489 |
| Silveira, N. R. et al. | 2025 | Analisar barreiras à prática de atividade física | Estudo transversal | Indivíduos com TEA | Barreiras ambientais, sociais e individuais | 10.12820/rbafs.30e0414 |
| Nascimento, C. A. et al. | 2025 | Avaliar níveis de aptidão física em TEA | Estudo transversal | Estudantes com TEA | Baixos níveis de aptidão física | 10.62827/ei.v13i2.1007 |
| Lalonde, K. B. | 2017 | Identificar estratégias para promoção da atividade física | Revisão teórica | Crianças e adultos com TEA | Intervenções estruturadas são essenciais | 10.7352/IJSP.2017.48.475 |
| Toscano, C. V. A. et al. | 2018 | Avaliar efeitos do exercício físico no TEA | Experimental | Crianças com TEA | Melhoras comportamentais e motoras | 10.1016/j.jped.2018.06.008 |
| Grosprêtre, S. et al. | 2024 | Analisar participação esportiva em TEA | Revisão sistematica | Jovens com TEA | Benefícios físicos, psicológicos e sociais | 10.1186/s40798-024-00765-x |

Fonte: autores

## 4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os estudos analisados demonstram que a participação de crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) em programas esportivos inclusivos está relacionada a múltiplos fatores interdependentes, abrangendo aspectos estruturais, pedagógicos, sociais, formativos e institucionais. Nessa perspectiva, as barreiras identificadas não podem ser atribuídas exclusivamente às características individuais dos participantes, mas devem ser compreendidas como reflexo de contextos ainda marcados por práticas padronizadas e modelos organizacionais pouco sensíveis à diversidade, dificultando a efetivação de processos verdadeiramente inclusivos.



Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

Com o objetivo de sintetizar os principais conceitos presentes nos estudos analisados, elaborou-se uma nuvem de palavras contendo os termos mais recorrentes relacionados à inclusão esportiva de crianças e adolescentes com TEA. Os resultados evidenciaram a centralidade de conceitos como inclusão, acessibilidade, participação, atividade física, adaptação, autonomia e suporte familiar, demonstrando que a literatura contemporânea tem enfatizado abordagens voltadas à promoção da participação ativa e da equidade nos contextos esportivos.

**Figura 2.** Nuvem de palavras elaborada a partir dos estudos incluídos na revisão integrativa




Fonte: autores

Nessa direção, os achados dialogam diretamente com os pressupostos do modelo social da deficiência e da Educação Inclusiva, ao indicarem que os processos de exclusão decorrem, sobretudo, das condições de participação oferecidas pelos ambientes e instituições. Estudos como os de Salar et al. (2024), Silveira et al. (2025) e Moraes et al. (2023) demonstram que ambientes esportivos frequentemente apresentam inadequações estruturais, excesso de estímulos sensoriais, rigidez organizacional e ausência de adaptações pedagógicas, fatores que



Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

comprometem o acesso, a permanência e o engajamento de participantes com TEA. Tais evidências reforçam a compreensão de que as barreiras são socialmente produzidas, sendo resultado de práticas institucionais que ainda operam sob padrões excludentes.

Sob essa perspectiva, a inclusão esportiva ultrapassa a ideia de simples adaptação individual e passa a ser compreendida como um processo de transformação das culturas, políticas e práticas institucionais. Para Xing e Wu (2025), a efetivação da inclusão requer a reorganização dos próprios sistemas educativos e esportivos, de modo que estes sejam capazes de responder às diferentes necessidades dos participantes, garantindo participação plena, acessibilidade e equidade.

No âmbito formativo, os resultados indicam que a fragilidade na formação inicial e continuada dos profissionais de Educação Física constitui uma das principais barreiras para a consolidação de práticas inclusivas. A insegurança profissional diante das demandas relacionadas ao TEA evidencia lacunas na formação docente, especialmente no que se refere à flexibilização pedagógica, ao manejo de comportamentos e à construção de estratégias acessíveis. Nesse sentido, a ausência de preparo específico contribui para a reprodução de práticas excludentes e reforça distanciamentos entre a formação profissional e os princípios da Educação Inclusiva.

Do ponto de vista sociocultural, os estudos analisados demonstram que as dificuldades de interação frequentemente atribuídas às pessoas com TEA precisam ser compreendidas como fenômenos relacionais e contextuais. À luz das contribuições de Vygotsky e das abordagens inclusivas contemporâneas, o desenvolvimento ocorre por meio das interações sociais e dos processos de mediação. Assim, a ausência de estratégias pedagógicas que favoreçam a cooperação, a comunicação e o pertencimento coletivo limitam significativamente a participação desses sujeitos nos contextos esportivos. Mais do que focalizar déficits comunicacionais, torna-se necessário investir na construção de ambientes acolhedores e interações socialmente mediadas.

Em relação às chamadas barreiras individuais, embora características como processamento sensorial diferenciado, ansiedade e necessidades de adaptação motora possam influenciar a participação esportiva, os resultados desta revisão indicam que tais aspectos não devem ser analisados de forma isolada ou centralizada no sujeito. Estudos como o de Camelo *et al.* (2022) evidenciam que, quando os ambientes são planejados a partir de princípios de acessibilidade, previsibilidade e flexibilização pedagógica, observa-se ampliação significativa da participação, da autonomia e do engajamento dos participantes com TEA. Isso demonstra que o



Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

desempenho e a participação são diretamente influenciados pelas condições contextuais oferecidas.

Em contraposição às barreiras identificadas, diversos facilitadores foram apontados pela literatura como elementos fundamentais para a efetivação da inclusão esportiva. A adaptação ambiental, a organização de rotinas previsíveis, o uso de suportes visuais, as instruções claras e o planejamento individualizado configuram-se como estratégias que favorecem o engajamento, a segurança emocional e a autonomia dos participantes. Tais práticas refletem uma concepção pedagógica alinhada aos princípios da Educação Inclusiva, reconhecendo a diversidade como elemento constitutivo dos processos educativos e esportivos.

Outro aspecto amplamente destacado refere-se à importância da formação continuada dos profissionais. Os estudos demonstram que práticas inclusivas efetivas dependem não apenas do domínio técnico, mas também da construção de uma postura ética, reflexiva e responsiva frente à diversidade humana. Nesse contexto, a formação profissional deve estar orientada para o desenvolvimento de competências relacionadas à acessibilidade, à mediação pedagógica e à construção de ambientes inclusivos.

O envolvimento familiar também emerge como elemento central para o fortalecimento das práticas inclusivas, especialmente por favorecer a articulação entre diferentes contextos de desenvolvimento. A participação das famílias no planejamento, acompanhamento e avaliação das atividades contribui para ampliar a continuidade das práticas, fortalecer vínculos e potencializar processos de inclusão e pertencimento social.

Além disso, o planejamento individualizado destaca-se como estratégia indispensável para garantir equidade e participação significativa. Ao considerar interesses, potencialidades, necessidades específicas e formas singulares de aprendizagem, essa abordagem possibilita maior adequação das práticas esportivas às características de cada participante, favorecendo processos mais inclusivos e humanizados.

De maneira geral, os resultados desta revisão demonstram que a inclusão esportiva, quando fundamentada nos princípios da Educação Inclusiva, ultrapassa a lógica da adaptação pontual e assume o caráter de transformação institucional e social. Nesse sentido, programas esportivos inclusivos podem constituir-se como espaços privilegiados de promoção da participação, da autonomia, da convivência com a diversidade e da construção de práticas sociais mais equitativas e democráticas.



Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente revisão integrativa demonstra que a participação de crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista em programas esportivos inclusivos deve ser analisada a partir de uma perspectiva centrada na acessibilidade, na equidade e na valorização da diversidade, compreendendo que as possibilidades de participação estão diretamente relacionadas às condições pedagógicas, sociais e estruturais oferecidas pelos diferentes contextos.

Os achados demonstram que as barreiras identificadas — estruturais, formativas e sociais — refletem a permanência de modelos organizacionais ainda pouco alinhados à perspectiva inclusiva. Nesse sentido, a exclusão observada não decorre do transtorno em si, mas da ausência de ambientes acessíveis, práticas pedagógicas flexíveis e profissionais devidamente preparados.

Por outro lado, os facilitadores identificados reforçam que a inclusão é possível quando há compromisso com a adaptação dos contextos, o planejamento centrado na pessoa, a formação continuada e o envolvimento das famílias. Esses elementos convergem com os fundamentos da Educação Inclusiva, especialmente no que se refere à garantia do direito à participação, à valorização da diversidade e à promoção da equidade.

Destaca-se, ainda, que a inclusão esportiva deve ser compreendida como parte de um movimento mais amplo de transformação social, que exige ações intersetoriais e o engajamento de diferentes atores. Assim, programas esportivos inclusivos podem constituir-se como espaços potentes de desenvolvimento humano e de construção de práticas sociais mais justas.

Por fim, recomenda-se que futuras pesquisas aprofundem a análise de modelos de intervenção baseados nos princípios da Educação Inclusiva, bem como desenvolvam estudos longitudinais que permitam compreender os impactos dessas práticas ao longo do tempo.

## REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5-TR. Porto Alegre: Artmed, 2023.

BREMER, E.; CROZIER, M.; LLOYD, M. A systematic review of the behavioural outcomes following exercise interventions for children and youth with autism spectrum disorder. *Autism*, v. 20, n. 8, p. 899–915, 2016. DOI: https://doi.org/10.1177/1362361315616002



Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

CAMELO, F. M. et al. Diagnóstico e tratamento do transtorno do espectro autista. *RECIMA21 - Revista Científica Multidisciplinar*, v. 3, n. 7, e371619, 2022. DOI: https://doi.org/10.47820/recima21.v3i7.1619.

FERNÁNDEZ-DÍAZ, Marta *et al*. Influência da atividade física no comportamento de estudantes com transtorno do espectro autista. Revista Portuguesa de Educação, v. 36, n. 1, p. 1–15, 2023. DOI: https://doi.org/10.21814/rpe.26794.

FERREIRA DE CASTRO, D.; PEREIRA, M. E. S.; MELLO, M. F. S.; SILVA, I. M.; TROMBIERO, D. S.; MOURA, R. F.; SILVA, P. H. A. Efeitos da atividade e do exercício físico em diferentes intensidades para crianças com autismo: revisão sistemática de ensaios clínicos randomizados. Revista Brasileira de Ciência e Movimento, v. 33, n. 1, 2025. DOI: https://doi.org/10.31501/rbcm.v33i1.15534.

FRANZONI, W. C. C.; MARINHO, A. O papel do professor de Educação Física em programa esportivo inclusivo. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 42, p. e65391, 2020. DOI: https://doi.org/10.5007/2175-8042.2020e65391.

JARA, G. C.; SIQUEIRA, C. X.; RECALDES, D.; FOLMER, I.; MACHADO, G. E. Transtorno do espectro autista na escola = Autistic spectrum disorder at school. *Research, Society and Development*, v. 9, n. 12, e36391211264, 2020. DOI: https://doi.org/10.33448/rsd-v9i12.11264.

GROSPRÊTRE, S. *et al.* Participação esportiva em TEA: uma revisão sistemática. Sports Medicine - Open, v. 10, n. 1, p. 1–15, 2024. DOI: https://doi.org/10.1186/s40798-024-00765-x.

HAAS, Priscila *et al.* Impacto do exercício físico no transtorno do espectro autista: revisão sistemática. Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano, v. 28, n. 2, p. 1–10, 2018. DOI: https://doi.org/10.31501/rbcm.v28i2.10624.

HEALY, Sean; HAEGELE, Justin A. Physical activity participation among youth with autism spectrum disorder. Adapted Physical Activity Quarterly, v. 36, n. 1, p. 1–18, 2019. DOI: https://doi.org/10.1123/apaq.2018-0125.

HOWELLS, Kristy et al. Physical activity and sports participation in children with autism spectrum disorder: a systematic review. Autism, v. 23, n. 6, p. 1–15, 2019. DOI: https://doi.org/10.1177/1362361319831573.

JESUS, A. C. C. et al. Benefícios da atividade física para crianças com transtorno do espectro autista. Research, Society and Development, v. 13, n. 7, p. e46235, 2024. DOI: https://doi.org/10.33448/rsd-v13i7.46235.

LALONDE, K. B. Strategies for promoting physical activity among individuals with autism spectrum disorder. International Journal of Sport Psychology, v. 48, n. 5, p. 475–490, 2017. DOI: https://doi.org/10.7352/IJSP.2017.48.475.

MONTEIRO, C. E. et al. Effects of physical activity on motor skills in children with autism spectrum disorder: a meta-analysis. International Journal of Environmental Research and Public Health, v. 19, n. 21, p. 14081, 2022. DOI: https://doi.org/10.3390/ijerph192114081.



Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

MORAES, M. G. T. et al. Atenção à pessoa com Transtorno do Espectro Autista na rede pública de saúde: a importância dos protocolos e linha de cuidados. *RECIMA21 – Revista Científica Multidisciplinar*, v. 4, n. 8, e3732, 2023. DOI: https://doi.org/10.47820/recima21.v4i8.3732.

NASCIMENTO, C. A. et al. Níveis de aptidão física em estudantes com transtorno do espectro autista e deficiência intelectual. Educação Inclusiva, v. 13, n. 2, p. 1–12, 2025. DOI: https://doi.org/10.62827/ei.v13i2.1007.

OKKENHAUG, I.; JENSEN, M. R.; SOLHAUG, S. Barriers and facilitators for physical activity participation in children and adolescents with autism spectrum disorder: a scoping review. Journal of Physical Activity and Health, v. 21, n. 1, p. 1–12, 2024. DOI: https://doi.org/10.1123/jpah.2024-0075.

OLIVEIRA, F. G. et al. Diagnóstico do transtorno do espectro autista de alta funcionalidade: revisão de escopo. Revista Brasileira de Educação Especial, v. 31, p. e0093, 2025. DOI: https://doi.org/10.1590/1980-54702025v31e0093.

OLIVEIRA, J. P. S.; SANTOS, L. M. Neurodiversidade e Esporte: metodologias flexíveis para o ensino de modalidades coletivas. Cadernos de Educação Física e Esporte, Curitiba, v. 22, e-202401, 2024. Disponível em: https://periodicos.unioeste.br/index.php/cadernoedfisica/index. Acesso em: 15 jan. 2026.

SALAR, S. et al. Barriers to physical activity participation in children and adolescents with autism spectrum disorder. Healthcare, v. 12, n. 23, p. 2420, 2024. DOI: https://doi.org/10.3390/healthcare12232420.

SILVEIRA, N. R. et al. Barreiras à prática de atividades físicas e esportivas de escolares com deficiência intelectual e transtorno do espectro autista: estudo transversal em um município do Sul do Brasil. *Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde*, v. 30, p. 1–12, 2025. DOI: https://doi.org/10.12820/rbafs.30e0414

SOUSA, L. A. O.; VALENTE, L. V. Estereotipias no transtorno do espectro autista sob a perspectiva clínica da terapia ocupacional. *RECIMA21 – Revista Científica Multidisciplinar*, v. 7, n. 5, 2026. DOI: https://doi.org/10.47820/recima21.v7i5.7834.

TOSCANO, C. V. A. et al. Effects of physical exercise on children with autism spectrum disorder. Jornal de Pediatria, v. 94, n. 5, p. 1–8, 2018. DOI: https://doi.org/10.1016/j.jped.2018.06.008.

XING, Y.; WU, X. Effects of motor skills and physical activity interventions on motor development in children with autism spectrum disorder: a systematic review. Healthcare, v. 13, n. 5, p. 489, 2025. DOI: https://doi.org/10.3390/healthcare13050489.



Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.